

Delinqüência como Profissão

Célia Braga
Profª de Sociologia da
Universidade Federal da Bahia

Quando se pensa em analisar a relação existente entre trabalho e delinqüência, de pronto a relação é posta em três níveis.

No primeiro deles a ênfase é dada à crescente inviabilidade de um modelo sócio-econômico que vem sendo adotado em determinadas formações sociais. Como conseqüência de mecanismos utilizados pelo próprio modelo, um número bastante significativo de menores que vivem nas periferias das cidades é lançado nas ruas em busca do seu próprio sustento, do sustento das famílias ou simplesmente porque eles não podem ser retidos em casa. Estes menores se juntam a tantos adultos que, como eles, são atraídos para a delinqüência, face às dificuldades de se engajarem em um trabalho que lhes proporcione certa segurança de manutenção.

Como a delinqüência lhes assegura esta segurança, ou melhor, certa estabilidade econômica, vão se fixando em atividades desviantes, até o momento em que são barrados pelo aparato de controle

Esta proposição foi feita com base em depoimentos de indivíduos confinados em instituições correcionais ou em prisões.

social.

O segundo nível de relacionamento entre delinqüência e trabalho é relativo ao espaço de tempo que passam naquelas instituições destinadas à "orientação" e "recuperação" dos desviantes. O desviante é quase sempre definido como alguém que transgride normas sociais e que, como conseqüência, deve ser incorporado a um plano de recuperação que se consubstancia, acima de tudo, na sua passagem por estas instituições fechadas que se destinam a resgatar os transgressores para uma nova convivência social.

As possibilidades e oportunidades de trabalho aí oferecidas são limitadas e distanciadas da realidade. Permitem que presos que vão retornar ao meio rural se engajem em tarefas que são eminentemente do meio urbano e, da mesma forma, que muitos dos que ficarão na cidade se engajem em atividades tipicamente do meio rural. E o que é mais sério é que, na maioria dos casos, o trabalho é voltado para dentro da instituição, perdendo o sentido e, como tal, deixando de interessar ao preso. Em geral, trabalham para "encher o tempo" e não para estabelecer vínculos com a sociedade inclusiva.

O terceiro nível de relacionamento é aquele em que se pensa na abertura de espaços no mercado de trabalho para os egressos destas instituições, quando se sabe de toda carga de preconceito e temor que cai sobre estes egressos.

As situações nos três níveis são elos de uma mesma cadeia e conduzem qualquer análise mais preocupada em captar as tramas do processo de interação social à idéia de que o desviante é, antes de mais nada, um rotulado do que mesmo um transgressor, pois é possível que haja desviante sem rótulo e rotulados que não estão em atividades desviantes.

Os três diálogos que seguem ilustram situações de cada um dos três níveis. (1)

(1) Os diálogos foram entre o pesquisador (P) e os "desviantes" (D)

1º Diálogo

P - Por que é que você está aqui?

D - É porque eu meti a mão no que é dos outro.

P - Veja se consegue me dizer como foi que você teve a idéia de apanhar o que era dos outros.

D - É fácil contar, porque tou no começo da carreira e tá tudo na minha cabeça. Eu só tenho 14 anos.

P - Você quer contar ou prefere não falar nisto?

D - Tem hora que não gosto de falar. Às vez fico imaginando que dizer tudo pode até parecer que é falta de vergonha. Mas é que alivia nós quando se conta tudo.

P - Então fale...

D - Eu era bem menino ainda quando meu pai largou minha mãe. Nós é três irmãos e eu sou o mais novo. Mãe deu um duro danado pra criar nós. Ela lavava, gomava, fazia de um tudo pra botar nós na escola. Todos três sabe ler direito, dá até pra vencer na vida.

Os dois mais velho mãe botou em uma oficina e eu que era mais novo, ficava em casa pra ajudar ela. Mas foi assim que fui ficando mais taludo e aí mãe achou que era bom ela fazer um café e mandar eu vender na rua.

P - E seu pai, não ajuda?

D - Não ajuda não. Nós vai lá na casa dele, mas ele mora com outra mulher.

P - Sim, continue.

D - Aí mãe fazia o café, botava nas garrafa e eu saía aí pelos escritório vendendo. No começo a coisa foi indo e eu dava todo dinheiro a mãe. Ela era que orientava tudo que precisava em casa. Meus irmão dava também, mas eles gastava com eles e nós vivia no aperto.

Eu fui desenvolvendo o trabalho, cada dia tava vendendo mais. Os moço dos escritório dizia que comprava mais pra me ajudar, porque eu tinha 10 anos e já trabalhava.

Quando foi um dia deu um es quente no meu juízo e comecei a pensar que o dinheiro tava pouco e lá em casa a coisa tava apertando. O homem que vivia com minha mãe não era bom nem pra ela nem pra nós. Aí eu achei que devia arranjar um trabalho que desse uma grana mais forte. Aí não tava achando. Foi aí que começou a transa. Eu tinha ido levar o café que levava todo dia no escritório de um ricão : ele pagou o café e saiu assim prá outra sala e eu fiquei em pé junto da mesa. Aí, quando olhei pra dentro da gaveta que tava aberta, só vi foi toda a nota de quinhentos "conto". O homem tava fora e minha mão ia e vinha, mas a tentação foi grande e não dei bobeira não. Só fiz foi bafar um bocado daquelas nota; eu nem sei mesmo quanto foi. Esperei o moço chegar, dei o troco a ele e ele ainda disse que "deixasse pra lá". Fiquei sem saber o que fazia com o dinheiro. Descobri uma casa abandonada e foi lá que fiz um buraco e enterrei o dinheiro. Ia pensar o que ia fazer. Continuei no café, mas a cabeça tava cada vez mais quente. Um dia desenterrei o dinheiro e comecei a comprar bola, roupa, sapato, etc. Minha mãe perguntou pra mim onde era que eu tava achando tanto dinheiro e aí eu falei que era o moço que tava dando pra eu fazer uns trabalho de recado pra ele. Ela acreditou.

Foi indo assim e fui avançando no conhecimento do furto. Pensei que no café o dinheiro entrava de pouquinho e no furto as vantagem era muito maior. Até pensei largar o café e cair na malandragem. Eu aí já tava com 12 anos. Saía com um monte de garrafa de café e quando chegava na esquina, derramava tudo, deixava as garrafa no esconderijo e me mandava pra malandragem.

A coisa foi crescendo , crescendo e mãe aí descobriu que eu tava no caminho torto e me chamou pras fala.

P - Você contou a verdade a sua mãe?

D - Conte e não contei. Eu falei que não dava mais pra vender café, porque o que ganho era quase nada e que eu tava batalhando pra arranjar um emprego, mas tava uma parada.

P - E você estava mesmo procurando trabalho?

D - Até que na vontade eu tava, mas no certo mesmo não tava não.

P - Como é isto? Estava e não estava.

D - E porque eu queria um emprego que saísse uma boa nota, mas este não dava pra mim. E se era pra trabalhar e ganhar miséria, o furto era mais vantajoso.

P - E o que foi que sua mãe fez?

D - Só sei que ficou triste e até chorou. Me deu uns conselho e falou que gostava de mim e não me bateu.

P - E aí, o que aconteceu?

D - Não demorou muito e descobriram minha trama. Os homem que comprava café e que gostava de mim quando souberam do caso ficaram revoltados e agora quando eu entrava nos lugar me apontavam logo como elemento perigoso. Eles parava na minha cara e era assim como se eu tivesse uma doença que pegava.

Até eu já achava que eu era ruim. Foi aí que eu topei com uns cara que morava lá perto e que me falaram que eles também roubava, porque não tinha achado trabalho. Tinha um de 15 anos que sustentava a família com o roubo e era uma grana solta. Eles trabalhava em uns furto mais complicado; eu nem entendia direito. Quando eu ia entrando na deles, fui apanhado e me trouxeram aqui pra Escola de Menores. Agora eu já tinha 13 anos.

P - E aqui, o que é que você faz?

D - Aqui? Aqui não é vida de gente não. Tudo predestinado nesta lonjura toda. É só marginal que a gente vê. E quem ainda não é, aprende a ficar. Os maior se aproveita dos menor. Aí tem um "bana" de um negro pancada que quando tá atacado, pega os menor e joga pra cima que nem um brinquedo e depois fica dando risada.

Eu já falei que quero sair daqui e arranjar um trabalho sério, mas tou achando difícil, porque pra sair é preciso que a família queira e mãe acha que é perigoso eu ficar lá fora. É porque ela não sabe o que é aqui. O ano passado saí para passar o Natal em casa e fui falar com pai para me arranjar um trabalho. Prometiam a ele, mas quando sabiam onde eu tava, iam logo se encolhendo e dando desculpas. Tudo ficou armado de forma que a única solução era voltar pra cá, pois mãe dizia que tinha medo de eu cair na vadiagem.

Agora veja. Eu tenho um camarada aqui, ele tem 15 anos. Ele andava no furto desde os 9 anos. Começou de mansinho e foi subindo. Mandaram ele pra Paripe, onde fica os menor que eles pega na rua. Ele fugiu de lá três vez. Quando ele fugia ele se metia

nesse comércio de vender besteira e ia guentando a barra. Mas quando os policia via ele na rua, pegava e na mesma hora mandava pro Juizado e um dia veio parar aqui na Escola.

Eu acho que nesse ambiente a gente quer mudar, porque sente o sofrimento, mas não dá. Já viu a lonjura que é isto aqui? É que nem animal no curral, sem poder ver o mundo. Tem umas oficina aqui, mas é tudo sem recurso. As moça da Assistência se interessa pra colocar os que sai no emprego mas é difícil dar certo.

Tem horas que penso que tou pior do que quando cheguei aqui. Tou maior, vendo mais os erro da vida e numa revolta danada. E antes eu não era revoltado, só era disquieto. Tenho 14 anos e só queria era ter esperança na frente, mas não tenho muita não. É como se eu já fosse um homem velho e perdido'.

2º Diálogo

P - "Quantos anos você tem?"

D - Eu já tou com 23 anos.

P - E há quanto tempo você está aqui?

D - Tá com dois anos e ainda tá faltando oito mês de pena.

P - E por que está aqui?

D - Eu sou um cara que tem dado muita cabeçada. Sei que enrolei muita gente. mas também fui muito apanhado.

P - Conte sua vida para mim. Veja se consegue. Se é que você quer.

D - Querer eu quero, porque quando se tá condenado o falar é bom pra aliviar a barra. Eu posso dizer que quando eu tava com 9 anos eu dei de mim. Tava numa casa de família e fazia mandados e esses trabalho de dentro de casa mesmo. O que ganhava era pouco e eu dava tudo pra minha mãe. Ela era 'largada' e eu nem conhecia meu pai. Antes ela trabalhava, mas depois adoeceu e a fraqueza tomou conta. Eu tenho uma irmã moça que tá com 16 anos. Os outros morreram. Essa moça toma conta de mãe e vende umas comida na porta. Elas tão quase na caridade.

P - Sim. E a casa onde você trabalhava?

D - É mesmo, eu já ia saindo do caso; mas é que quando falo na minha mãe fico preocupado e esqueço o resto. Na casa dos patrão eu tinha casa, comida e roupa. Tudo que ganhava dava pra o sustento de mãe.

Trabalhei três anos nesta casa e quando tava com 12 anos, mãe achou que eu já podia fazer um trabalho mais de homem. Mandou falar com a moça e eu saí em paz com todo mundo. Aí eu comecei a trabalhar em um armazém, era no balcão e em tudo que o dono precisava. Agora a dureza era maior, porque eu tava acostumado na comida boa e botar tudo dentro de casa não era fácil, e ainda tinha remédio pra mãe. Aí, um dia que nós tava sem nada e eu sem grana, lembrei que na casa onde eu trabalhava tinha um monte de garrafa

vazia, no quintal. Eles nunca ligou pra aquelas garrafas. Como lá no armazém tinha um homem que comprava garrafa vazia, eu aí dei uma doidera e resolvi pular o muro da casa, panhar as garrafas, vender pra apurar o dinheiro pra comida. Não foi assim que eu não era acostumado no ramo. Dei boabeira e me pegaram. A moça até falou pra me deixar ir embora e me deu uns conselho, mas o doutor falou que eu tinha virado marginal e me entregou a polícia da rua. Aí o polícia me levou pro Juizado e fui parar no SEAM. Fiquei lá uns tempo e minha mãe tava muito desgostosa. Um dia eles me deixaram sair, falando que mãe tava muito na necessidade. Vou dizer uma coisa: passei seis mês lá e aprendi foi coisa, mas só foi coisa da marginalidade e do furto.

Quando sai, andei procurando emprego e só achava era uns bico. E quando sabiam que eu tive no SEAM era que nem uma peste que pegava. Aí eu me enturmei com uns companheiro que teve lá no SEAM também e que tavam no ramo do furto e tinha muito treino. No primeiro 'trabalho', eu que não tinha a prática, dei descuido e fui agarrado e os outro fugiu. Aí mãe, que já tava melhorando, foi prá cama de novo. E eu fiquei lá um tempão, até fazer 18 anos. Quando sai eu sabia era coisa, mas tava na intenção de trabalhar. Tinha um moço que morava lá perto de nós e que até queria casar com minha irmã, que falou pra mim que ia me ajudar. Ele comprou um tabuleiro pra mim e umas mercadoria e mandou eu ir pro Forte de São Pedro vender. Eu tava indo nos conforme. Todo dia tirava um tanto pra pagar a dívida do empréstimo e o resto era nosso. Eu achava pouco, mas fazia imaginação de melhorar. Eu lá na Escola tinha aprendido a ler e a escrever.

Sim, mas como eu ia falando. Fui indo no comércio de ambulante e um dia, eu tava feliz porque o moço que me emprestou o dinheiro tinha falado que se eu me saísse bem ele me arrumava coisa melhor. Naquele dia eu ia acabar de pagar a ele e agora o lucro ia ser todo livre. Quando eu tava no meu ofício, veio lá o 'Rapa' e arrastou tudo. Foi tabuleiro, mercadoria e ate o dinheiro que tava em uma caixa no tabuleiro eles deram fim. Eles sim é que é ladrão. Eles não respeita nada. Por mais que eu chorasse, eles só fazia era dizer que eu era marginal mesmo e que lugar de ladrão é na cadeia. Aí eu sai que nem um doido pelas rua, sem saber com que cara voltava pra casa. A gente já se sente até menor que os outros. Não foi assim que no aperto que tava encontrei uns companheiro de SEAM. Eles era tudo já feito no crime. Um deles falou pra mim: 'Sai dessa rapaz; entra no grupo que nós tem um trabalho pra hoje de noite. É coisa boa. Se tu se sair bem, vai levar uma boa grana. Vai ser uma mina'.

Eu tava ali na Avenida Sete. Eu nem queria, mas a tentação foi grande e acertei o negócio e de noite eu tava lá. Nem fui em casa. O negócio era uns assalto e deu uma renda boa. Mas eu e outro fomos preso. Os outros três se livrou. Aí, como já tava com quase 19 anos,

já fui pra 'Pedra Preta'². Ali a coisa foi dura. Apanhava que nem cachorro de pobre. Ai já tava na marginalidade. Quando dava pé eu fugia, mas eles me prendia logo. Ia ver mãe e ela tava cada vez mais pior. Na última fugida que dei, quando cheguei em casa soube que mãe tinha morrido e já tava enterrada. Eu fugi porque recebi um recado que ela tava nas últimas, pedi pra me deixarem ir ver ela e não deixaram. Quando vi a situação, aí me entreguei. Agora eu até já pensava que eu era assassino, que eu tinha matado mãe.

P - E sua irmã?

D - Minha irmã tá bem. Casou e o moço é bom.

P - E o que era que fazia quando fugia da 'Pedra Preta'?

D - O que era que podia ser? Era o furto, o assalto, era a marginalidade. Pois se eu tou nela. Só tenho preparo pra ela. E tem mais, quando eu tava na rua, os cara já ia logo me abafando e me batendo. Lá na 'Pedra Preta' se apanha que acaba com a saúde da pessoa.

P - E agora?

D - Agora tou aqui julgado e cumprindo pena. Quando sair, se conseguir trabalhar, vou ver. Mas se não conseguir, vou pra aventura do furto mesmo. Aqui na prisão não encaminham os preso. Se faz qualquer coisa. Eles até se esforça. Mas não prepara ninguém pra vida lá fora e nem arranja o lugar. Abrem a porta e diz: pode sair. E daí? Sai pra onde? Eu achava assim: na prisão devia era ter umas oficina pra fazer encomenda aí pra rua e o lucro ser de quem fazia o trabalho. E só trabalhar ali quem tinha vocação. Por exemplo, quem fosse do mato, ia pras terra daqui — e plantava tomate, verdura pra vender pras família. Quando saísse daqui, ia pra uma fazenda mesmo.

Olha, quem sou eu pra saber o certo e o errado? Mas que tá tudo descompensado tá mesmo.

3º Diálogo.

P - Há quanto tempo você está aqui?

D - Se for somar tudo, dá uns 8 anos. Eu tenho 33 anos e já fui preso, com Detenção e Delegacia e tudo, umas 9 vez.

P - E por que você quando sai volta a fazer a mesma coisa que antes?

D - Não é eles que quer assim? Falaram que sou ladrão, que sou marginal e agora tenho que ser mesmo. Quem é que dá emprego a homem que saiu da cadeia. Eu falei que fui preso umas 9 vez e isso sem contar o tempo do Juizado de Menor. Eu sou marginal de carreira feita desde menino. Eu não vou dizer que sou santo. Agora tem uma coisa errada aí. Nunca ninguém confiou em mim. Foram me empurrando, me empurrando até eu virar o trapo que sou hoje.

P - E você não gostaria de trabalhar em uma indústria, no comércio...?

D - Eu nem sei mais o que é que eu gosto. Gostar pra que? Só se for pra me iludir. Outro dia me peguei sonhando acordado. Eu tava numa casinha toda arrumada lá na Liberdade, sentado na mesa com minha companheira e meus dois filhos. Eu tava trabalhando na construção de um prédio e tinha chegado em casa. Aí tomei um susto, cai em mim e não sei se chorei ou se dei risada. Acho que foi as duas coisas junta.

P - Você acha que ainda vai conseguir trabalhar e viver em paz lá fora?

D - Achar eu achava, mas agora parece que não acho mais não. Eu achava porque sou ainda forte e sei trabalhar de pedreiro. Mas tem gente mais forte do que eu. Mais forte na força do mando, e que cerca os que já teve na prisão. Acoado que nem bicho, só se vê o caminho do crime.

P - E sua família?

D - Desculpe a franqueza. Não sei se é família. É mulher, uma mulher que concordou vim aqui se encontrar comigo, eu pagando a ela, e dois filho. Eu queria que fosse família e ela diz que quer também arrumar casa, mas será que vou poder um dia ter uma família de verdade?

Os três diálogos, como depoimentos que são, têm entre eles uma relação muito forte, uma relação de uma continuidade coerente, pois são peças de uma mesma engrenagem.

As situações foram criadas em sociedade, através de mecanismos do sistema, mecanismos estes que geram desequilíbrio de oportunidades e expedientes de controle discriminatórios e que evidenciam a impossibilidade de separar os três níveis de relacionamento entre trabalho e delinquência. Um fio condutor atravessa os três momentos e leva a um novo nível de relacionamento entre as duas variáveis, isto é, leva à situação de delinquência como a mais viável forma de trabalho e de engajamento no sistema, por mais absurdo que possa parecer.

A montagem dos sistemas de controle e de "recuperação"; aparentemente frágil, porque não consegue reintegrar o desviante na sociedade, mas apenas degradá-lo até ao autodescrédito, é, paradoxalmente, forte bastante para transformá-lo em profissional do desvio.

A chamada "superpopulação relativa" das áreas periféricas parece estar precisando de um tratamento diferente do que vem recebendo. Tanto o seu "exército de reserva", quanto a "massa marginal" estão assumindo um papel de ameaça ao sistema, em tamanha proporção que mudar o tratamento que vem sendo dispensado a estes contingentes da população é questão quase de sobrevivência.

Mas, antes que tal providência fosse encaminhada, ou talvez

pensando solucionar o problema, as prisões foram os recursos julgados mais a mão. A falência do sistema carcerário, no entanto, passa também a constituir uma outra ameaça. Depõe contra o sistema. Urge que este sistema seja analisado e reestruturado, mas é necessário e indispensável que tal reestruturação não se faça de modo superficial e voltada apenas para apagar o compromisso daqueles que manipulam o sistema. Pois, se for assim, ele, dentro de pouco tempo, vai se deteriorar. É preciso que se processe uma estrutura voltada para fora, para a própria sociedade e não isolando os seres humanos, porque todo homem é um "ser no mundo".

NOTAS

1 Ronda policial que fiscaliza o comércio ambulante e apreende a mercadoria.

2 Local para onde levam os delinquentes.

SUMMARY

Based on three specific statements, this paper aims at showing three different situations in which work is presented in relation with delinquency: delinquency as a result of unemployment, the problem of work within the institutions which are destined to the confinement of delinquents, and the problem of employment for those recently delivered from such institutions. Starting from these three points, this paper tries to demonstrate that out of the complexity of this problem there arises a new situation, in which delinquency itself is taken for a form of employment, as a natural occupation.

RÉSUMÉ

Fondé sur trois dépositions, ce travail a pour objectif de mettre en évidence trois situations où le travail apparaît dans un rapport à la délinquance: délinquance comme résultat du manque de travail; le problème du travail à l'intérieur des institutions destinées à l'isolement des délinquants; le problème du travail pour ceux qui sortent de ces institutions. A partir de ces trois points de départ, l'auteur tente de montrer comment, de la complexité du problème, surgit une nouvelle situation où la délinquance est assumée comme travail, comme profession.